

A Antropóloga

Fernando Boppré

O mais novo longa-metragem de Zeca Pires, “A Antropóloga”, que estréia no final do mês nos cinemas da Grande Florianópolis, é construído em torno de uma jornada de transformação. O ponto de partida é a viagem de Malu (Larissa Bracher) ao Brasil. Em busca do conhecimento relativo ao uso de plantas medicinais em comunidades tradicionais, a antropóloga desenvolve uma pesquisa de campo na Costa da Lagoa, localidade situada nos recônditos da Ilha de Santa Catarina.

O cenário da investigação logo se torna protagonista à medida que Malu se depara com narrativas provindas de um imaginário intangível. Com isso, a pesquisa científica, teoricamente imparcial, transforma-se em matéria afetiva. O envolvimento da estudante provinda dos Açores com personagens singulares interferem de maneira decisiva em sua trajetória. O ponto de virada encontra-se no momento em que percebe que o mais importante não é o objeto de sua investigação mas sim a experiência junto àqueles que se dispõem a narrar os seus saberes e fazeres.

O filme lança mão de um jogo entre o documentário e a ficção, num lance realizado com extrema sutileza. É isso que explica o efeito delicioso que proporcionam os excertos documentais. Em determinados momentos, sob o pretexto da personagem pesquisadora, a atriz Larissa Bracher se torna uma verdadeira repórter que vai à campo perguntar aos velhinhos da região sobre os usos e as práticas das plantas medicinais.

A escolha de se fazer intercalar estes depoimentos ao longo do filme foi extremamente bem sucedida. São nestas sequências salpicadas ao longo da narrativa que surgem relatos preciosos. Mais do que informar sobre os costumes locais, acabam por mostrar a dimensão humana de todo o processo envolvido na produção deste longa-metragem cuja equipe literalmente morou na Costa da Lagoa por mais de um mês para a realização do filme.

É justo a composição de uma relação humana que determina um encontro decisivo: Malu conhece a adorável menina Carolina (Rafaela Campos de Barcelos) que se torna a protagonista do núcleo trágico do filme: seu pai (Luigi Cutolo) busca salvá-la de um mal sem cura. Ao conviver com esta família em decomposição (a mãe da criança já havia falecido no parto), Malu descobre que a doença da pequena Carolina possui um diagnóstico ambíguo. De um lado, o discurso científico – representado pela figura do pai que é médico – assinala um câncer no cérebro. De outro, a crença defendida pela benzedeira local (Sandra Ouriques) defende que Carolina sofre daquilo que é chamado “empresamento bruxólico”.

Uma ressalva: a partir deste momento o filme bem poderia ter assumido ares burlescos ou então melodramáticos. Afinal, a velha e boa história das bruxas é um clichê da cultura florianopolitana tendo como origem, dentre outras coisas, a apropriação do universo do artista Franklin Cascaes (1908-1983) cuja obra tem presença estratégica na narrativa de Zeca Pires. Na esteira deste processo de construção identitária encontra-se a hipervalorização da cultura açoriana em detrimento às diversas matrizes étnicas envolvidas no povoamento da Ilha de Santa Catarina (africanas, indígenas, etc.).

Em “A Antropóloga” a referência açoriana não é estandarte de nada mas sim ponto de partida para um roteiro que estabelece o embate entre o arcaico e o moderno, num jogo

entre a prosa (o esforço em se contar histórias de vida) e a poesia (o plano final, da menina à beira mar, é o que há de mais sutil e poético no filme).

Zeca Pires soube fazer uso da tradição e também de um repertório narrativo e plástico da Ilha de Santa Catarina sem cair no óbvio. O enredo encontra analogias nas jornadas de homens do mundo como Pierre Verger, Frans Krajcberg ou Roger Bastide (este último, por sinal, é explicitamente citado pela personagem de Malu em um registro num bloco de anotações). Tanto o fotógrafo e etnólogo francês, o artista polonês quanto o sociólogo francês, respectivamente, têm em comum o fato de chegarem ao Brasil já adultos com objetivos diversos e passarem a residir no país em virtude de uma experiência fundamental junto à paisagem, costumes e crenças populares.

No filme de Zeca Pires há um conjunto de elementos locais (os costumes, as rezas, o ambiente da Costa da Lagoa) que ao entrarem em contato com o outro, com o estrangeiro, ganham novos contornos. Um trabalho que dispõe de diversos gêneros: colheradas de suspense, pitadas de documentário, toques de comédia, porções de tragédia. Em um filme, diversos filmes. O recorte proposto é um mosaico de referências que constrói um universo cuja leveza e humor são um prato cheio para uma boa sessão de cinema.

MAIS FILMES

Destina-se

Robert Bresson, diretor francês que além de obras-primas como “Pickpocket” (1959) nos deixou uma espécie de compilação de aforismos sobre o cinema em “Notas sobre o cinematógrafo” (publicado no Brasil pela Editora Iluminuras em 2008) costumava dizer que atores, no cinema, deveriam deixar a expressão de lado e se comportar tal qual modelos. “Destina-se” (2010), de Melina Curi, tem na direção de atores seu ponto forte. Um filme sutil, esculpido em torno de dois rostos. Os experientes atores provindos do teatro, Leon de Paula e José Roberto Faleiro, habitam o micro-universo situado em meio ao nada.

O Jardineiro e o Pirata

Nas horas úteis, ele cumpre o ofício de jardineiro, noutras investe-se da figura do pirata Capitão Carontti. Bem poderia ser o argumento para uma ficção mas, em verdade, é a base do documentário “O Jardineiro e o Pirata” (2010). A história de Nildo certamente renderia um excelente estudo de caso psicanalítico: encontrou um modo singular de lidar com sua neurose, uma espécie de sublimação por meio da construção de uma outra personalidade para si: a construção do personagem do Pirata como um ser de carne e osso que transita pelo norte da Ilha de Santa Catarina. O filme de Patricia Monegatto Lopes e Stella Bloss já ganhou diversos importantes prêmios pelo Brasil, dentre eles o Festival de Gramado Cine Vídeo.